

## O PEREGRINO, UM REFERENTE QUE SE PÔS ENTRE O POETA E A BELEZA

Sérgio Farina

Homero Prates é o poeta da verticalidade. Seus poemas suam ansiedades de perfeição.

Nossa intenção, ao entrar em contato com esse poeta, é de apresentar as linhas que estruturam as cinco obras que conseguimos consultar: **As horas coroadas de rosas e de espinhos**, **Paraísos Interiores**, **Orfeu**, **No jardim dos ídolos e das rosas** e **Ao sol dos pagos**.

Limitar-nos-emos a tecer comentários rápidos dessas obras quanto ao seu vinculamento com a estética do Simbolismo.

O ideário artístico de Homero Prates traduz, literalmente, a expressão de Plotino: "O supremo objetivo das almas é a contemplação da Beleza" (Plotino, *Enneada*, Livro VI).

Esse ideário, que poderíamos definir como sua concepção de arte, resume a preocupação total de sua obra centrada na figura do POETA.

Homero Prates filia-se, dessa forma, ao Simbolismo por ter assumido uma linha espiritualista da vida. Filia-se a um "pequeno número de idealistas que acreditam ser a alma de origem divina e o homem um deus que chora, no exílio da terra, a sua antiga pátria perdida..." (Orfeu, p. 14).

Entre muitas possibilidades de interpretação, preferimos fixar-nos nestas três palavras-chave que poderiam modelizar sua obra: Poeta R Peregrino R Beleza.

### I. O POETA

Homero Prates buscou na Grécia, por ele chamada de país natal da Beleza, o mito que organizaria sua mundividência. Aliás,

seu helenismo, a par de outros poetas simbolistas, é marcante e quase obsessivo.

Orfeu, portanto, seria esse mito centralizador de sua obra, com toda a sua significação secreta e luminosa.

Usando de suas próprias palavras, Orfeu pode ser definido como o Iniciado da Luz e da Beleza. Ou melhor ainda: "Orfeu não é só o Poeta, é o revelador da Beleza sobre a Terra, é antes de tudo e sobre tudo o Iniciado, o Vidente, o antecessor de Cristo, que prega a fraternidade humana pelo amor, que acredita na perfeição do mundo pela cultura da alma, em que vê um reflexo da Divindade, que promete aos exilados da Luz, que são todas as criaturas deste mundo, o perdido caminho da Perfeição, a beatitude do céu natal de outrora..." (Orfeu, p. 18).

A imagem do poeta, projetada pelo mito de Orfeu, é uma constante em Homero Prates. Justificamos essa afirmação esclarecendo que dos cinco livros consultados, um apenas foge a esse eixo comum: **Ao sol dos pagos.**

O primeiro livro dele, **As horas coroadas de rosas e de espinhos**, é a exaltação do poeta; Orfeu é a própria mitificação do poeta; **Paraísos interiores**, um livro de poemas em prosa, é a própria mistificação do poeta; **No jardim dos ídolos e das rosas** é a aclamação do poeta, posto como peregrino em busca da peregrina Beleza.

É a vós que eu canto! É a vós que eu consagro, do fundo  
Do meu templo interior, estas flores brumosas:  
Vós, para quem a Vida, a Terra inteira, o Mundo  
É um estranho Jardim de Ídolos e de Rosas.

(No jardim dos ídolos e das Rosas, p. 14)

Orfeu, o herói dionisiaco da vida, é o símbolo consubstanciador do poeta:

O Poeta é quase um deus. Da harmonia secreta  
Das coisas ele extrai a mágica centelha  
— Que no seu sonho fulge e qual num mar se espelha —  
EE que é o fiat criador da ignorada beleza

Que ainda sem expressão vive na Natureza,  
E a um simples gesto seu, a um aceno, a um olhar,  
Nasce, murmura, canta e se põe a brilhar  
E é seiva e é flor e é fruto e é fronde e é luz dorida...  
O Poeta é um Iniciado, um Eleito da Vida.

(No jardim dos ídolos e das rosas, p. 113)

E, numa passagem de **Paraísos interiores**, tira o 'quase' para afirmar categoricamente: "O Poeta é um deus na sua criação, no seu reino de idéias e de imagens. Ele realiza o milagre de sentir-se, tocar, viver, em todas as coisas que o cercam" (p. 115).

Mas, se por um lado o poeta é divinizado, como era, aliás, o antigo e verdadeiro conceito da herói, por outro lado não pode fugir aos limites de sua condição humana. É um deus, mas "um deus que chora, no exílio da terra, a sua antiga pátria perdida" (Orfeu, p. 14).

Uma fórmula de equação resumiria tudo: Poeta: Orfeu: Orfeu: natureza humana e divina.

Se não fosse a própria enunciação das obras que confirma essa eleição, poderíamos ainda comprová-la pela análise da linguagem.

A função apelativa ou, na expressão de Jakobson, a função conativa da linguagem está presente em todas as obras de Homero Prates.

As formas canônicas de realização da função apelativa são o vocativo e o imperativo. São essas exatamente as formas que avultam e nos surpreendem ao lê-lo. O emprego do vocativo, que chega a ser contínuo, cria aquele nêssô de apelo, sugerindo um constante diálogo.

Esse apelo, manifestado pelo vocativo, mais o caráter atuativo dos verbos, dão aos versos de Homero Prates uma forte impressão de pomposidade. Aliás, Eduardo Guimaraens, amigo de grupo e de ideal, cognominou-o de **pontifex maximus** do verso.

O Poeta será o que exclama, interpela, apela, conclama, ordena a peregrinação: "Avante! Urge seguir! Não esmoreças!" (**No jardim dos ídolos e das rosas**, p. 44).

## II. O PEREGRINO

Os simbolistas fixaram tipos próprios, e todos eles consagrados, ora por um, ora por outro autor. Andrade Muricy 1952, v. III, p. 307) catalogou os seguintes: "O rapsodo, o cavaleiro, o pajem, o menestrel, o penitente, o romeiro, o peregrino, o alquimista, o eremita, o anacoreta, o cenobita, o antístite, o levita, o monge, o oblato, o pontífice, o sacerdote, o presbítero, o mago."

Eis que aparece, nesse elenco de tipos simbolistas, o misterioso peregrino com sua rica mensagem e tematologia.

Com êxito, o artista, na concepção simbolista do autor, é um exilado. Está sempre em demanda de algum caminho. Por isso é que podemos afirmar que a obra de Homero Prates se reduz à iconicidade do pé.

O pé como símbolo de passagem. Como símbolo do homem que passa em busca do ideal. Como símbolo da transitoriedade da vida, mas de uma vida atraída pelo "azul do seu reino sublime".

Vós, que sois da Químera os santos peregrinos,  
— Seguindo sob um céu ideal, rudes e audazes —  
Da aventura e da dor do humano fado incerto  
Guardais no olhar somente a visão dolorida  
Do Sonho e da Ilusão — miragens do deserto,  
Do adusto areal, da Vida.

(No jardim de ídolos e de rosas, p. 13)

Bastaria, para provar o que foi dito acima, fazer a análise da gramática da transitoriedade. Citamos os sintagmas que mais se relacionam analogicamente com o assunto:

- A) **PEREGRINO**, peregrina, passante, viajor, viajora, viandante, cavaleiro, templário, caravana.
- B) **PASSAR, BUSCAR**, viajar, partir, cruzar, correr, ir empós, nortear, seguir, acenar, além, avante!
- C) **ESTRADA**, caminho, jornada, viagem, passos, pés, passagem, rastros, margens, encruzilhadas, areia, rumo, norte, montanha, horizonte, céu.

As palavras dos itens seletivos anteriores, que ambientizam a semântica da peregrinação, apresentam, todos eles, uma dupla significação. Justificamos essa afirmação, analisando a primeira e/ou segunda de cada grupo.

1. **Peregrino**. Há duas formas de interpretarmos o símbolo do peregrino, nas obras lidas: símbolo do homem comum e símbolo do homem extraterreno, o poeta.

a) Pela própria concepção espiritualista da vida, todo homem é um ser em trânsito. Bom ou mau, o homem é um instante que avança e se apaga na linearidade do tempo.

Para os maus, não deve o peregrino dar atenção: "São espectros, são sombras sem importância que passam..." (Paraísos interiores, p. 17). São o símbolo da transitoriedade do vazio.

Para os bons faz revelações esotéricas: "Só os que foram bons e belos toda a vida / E semearam no Mundo a beleza e a bondade / Voltam, depois da Morte, em lembrança dorida, / Em espectros de sonho, em visões de saudade" (No jardim de ídolos e de rosas, p. 108). São o símbolo da permanência.

b) Essa visão é que introduz a segunda significação: o peregrino é o poeta que sangra os pés nos cardos do caminho, em busca de países de lenda — "Canaãs! Canaãs! Canaãs!".

Surdo ao clamor do aplauso ou da tolsima, sigo  
Confiante como um rei empós do seu tesouro,  
De olhos fixos na estrela ideal que vai comigo,

Sorrindo aos bons, opondo aos maus o Manto e a Palma,  
Mudando as pedras vis da Inveja em lírios de ouro,  
Como quem leva um Céu pesado de astros nalma!

(No jardim de ídolos e de rosas, p. 142)

Encarnando o mito de Prometeu, o poeta se levanta, e olha o Céu, o horizonte, a Natureza, com a augusta serenidade de um deus.

Minha Pátria não é deste mundo mesquinho,  
De que todos vós sois ridículos espectros,  
Sombras e imagens vãs da poeira do caminho.  
Meus Reinos são de luz.

(No jardim de ídolos e de rosas, p. 121)

2. **Passar e buscar**. Os verbos também apresentam dupla classificação e dupla função. Passar e buscar, os mais freqüentes e significativos nas obras apontadas, têm o seu símbolo à parte, decorrente da própria predicação. **Passar**, por exemplo, como a maioria dos verbos citados no item B, simboliza a intransitividade do bem, do belo, do perfeito. Isto é, esses predicados devem ser descobertos nos países de lenda dos nossos céus interiores.

Canaã! Canaã! Canaã! A Perfeição existe!  
A questão é saber sentir-lhe o encanto vago  
Que erra dentro de nós, como ao fundo de um lago  
Um extinto clarão saudoso de luar triste.

(No jardim dos ídolos e das rosas, p. 50)

**Buscar**, contudo, é um verbo estranho entre os enumerados, porque simboliza transitividade. Os predicados estão no outro.

Existe para além do horizonte normal  
Da existência um País encantado e radiante,  
Que o humano olhar não vê senão quando anelante  
Busca tocar o Céu, a Luz, o Sonho, o Ideal.

(No jardim..., p. 57)

3. **Estrada** é outra palavra que vem caracterizada pelo autor com dupla significação. Por um lado, a estrada é "divina" e "santa", como evidente símbolo de transcendência ao mundo da Beleza. Por outro lado, a estrada é "sombria", como marcante símbolo de perplexidade diante do labirinto da vida terrena.

Daqui podemos concluir que a mola motora que impulsiona o peregrino, em Homero Prates, é o sentido da busca. Não é a mesma, por exemplo, daquela que se observa em Alceu Wamosy onde o amor rege a cadência do peregrino na sua perpétua ânsia de transcendência.

A função emotiva da linguagem comprova o estado de alma do poeta-peregrino. Sente-se emocionado. A função emotiva, diz Jakobson, possibilita a transferência de sentimentos, de emoções, e por sua vez suscita reações emocionais naquele que o escuta. A configuração sonora, as interjeições, os grafemas representados pelo ponto de exclamação e pelas reticências testemunham o mundo de ânsia e êxtase em que vive o poeta.

Salve, ó Deusa serena! ó Eúritmia! ó Beleza!  
 Estende sobre mim a glória do teu manto.  
 Dá-me que eu sonhe sempre a divina certeza  
 De não saber jamais, na vida, o que é tristeza.  
 Acolhe-me em teu riso, ó Eterna! Este é o meu Canto.  
 (As horas coroadas de rosas e de espinhos)

### III. A BELEZA

É a busca da Beleza que dá sentido à peregrinação, pois só ela paira entre o céu e a terra como Deusa eterna: "Cantar-te, ó Beleza! é enobrecermos, de algum modo, as nossas vagas sensações de deuses exilados" (No jardim dos ídolos e das rosas, p. 79).

Ninguém melhor que o texto poderá indicar a função e as intenções do poeta. Seria curiosíssimo fazer um estudo de todas as palavras que se relacionam com Beleza. Nós aqui as tomamos indiscriminadamente porque não nos foi possível reunir todos os livros do autor.

Dessa forma, passamos a enumerar alguns predicados da Beleza, com algumas citações comprobatórias:

1. A beleza é ideal: "Sobre a areia móvel e pérfida em que vamos deixando vagamente os rastros da nossa passagem pela Terra, somente os passos que seguem o rumo da estrada santa do seu Templo, do pentélico dos seus altares, ficam indelevelmente gravados e a salvo da universal miséria" (Paraísos interiores, p. 16).

2. A beleza é contemplação e eternidade: "Na estranha aventura da Vida o mais consolador acaso é o que nos depara a Beleza face a face, à curva do caminho... (...) Às imprevistas contradições do Tempo nada há de definitivo sobre o Mundo senão a suprema graça e a ventura suprema de se poder contemplar nos olhos a Eterna Deusa..." (Paraísos Interiores, p. 15).

3. A beleza é culto e religião: "Nem sequer imaginavas / — Na pobre aldeia humilde e obscura em que cantavas — / Que um Deus como eu, assim, sob um loureiro, / Te viesse um dia armar templário e cavaleiro / Da nobre religião da Beleza" (No jardim dos ídolos e das rosas, p. 28). Ou esta outra passagem: "É então que lhe sentindo o encanto espiritual, / Poeta e Rei lá me vou a pregar pelo mundo / A religião do Sonho, a religião do Ideal" (Op. cit., p. 115).

4. A beleza é visão: "Ó inviolável Transfiguradora casta de todas as Horas! Abençoada sejas tu que me deparas um fio de Ariadne em todos os caminhos e me fazes ver claro em todos os labirintos" (Paraísos interiores, p. 29).

5. A beleza é esperança: "Somente guiados pelas tuas mãos os passantes de todas as estradas, os peregrinos de todas as aventuras, os viandantes de todas as idades, chegam salvos e sorrindo ao fim da viagem" (Paraísos interiores, p. 30).

Para concluir, gostaríamos de registrar este modelo visualizador, como resumo de tudo o que se tentou expor.



É o poeta, revestido das forças divinas e humanas que o mito de Orfeu e Prometeu lhe empresta, disfarçado na figura do Peregrino, que vai, pelos flancos da montanha, em busca da Beleza.

Toda a obra de Homero Prates é um diálogo entre o poeta, o peregrino e a Beleza. Em outros termos, o "eu", o poeta, fala com "alguém", o peregrino, sobre "algo", a Beleza, fechando mais um círculo hermenêutico.

Pelo que as obras deixaram entrar, muito mais do que esses comentários feitos, podemos concluir afirmando que Homero Prates não é poeta para ficar no esquecimento.

## BIBLIOGRAFIA

### Obras do autor:

1. **As horas coroadas de rosas e de espinhos.** Rio de Janeiro, Tipografia Progresso, 1912. (Não há enumeração de páginas)
2. **Paraísos interiores.** Rio de Janeiro, Ed. Pimenta de Melo, 1919.
3. **Orfeu,** São Paulo, Monteiro Lobato Ed., 1923.
4. **No jardim dos ídolos e das rosas.** Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas de Pimenta Melo, 1920.
5. **Ao sol dos pagos.** Rio de Janeiro, Papelaria Velho, 1937.

### Outras obras consultadas:

- CESAR, Guilhermino. **História da Literatura do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Ed. Globo, 1956.
- GÓES, Fernando. **Panorama da Poesia Brasileira. O Simbolismo.** Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1959. v. IV.
- KRUG, Guilhermina & CARVALHO, Nelly Rezende. **Letras Rio-Grandenses.** Porto Alegre, Liv. do Globo, 1935.
- METTA, Nicolas e Andrée. **As Pedras Preciosas.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura brasileira: Simbolismo.** São Paulo, Ed. Cultrix, 2. ed. 1967. v. IV.
- MURICY, Andrade. **Panorama do movimento simbolista brasileiro.** Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952. v. III.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (Direção de). **Poesia simbolista.** São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1965.